



DIALÉTICA NEGATIVA E HERMENÊUTICA: UMA INTERPRETAÇÃO DE THEODOR W. ADORNO

Fábio César Junges*
Leandro José Kotz**

RESUMO:

O presente artigo tem como tarefa interpretar o pensamento de Theodor W. Adorno, com o objetivo de recolher elementos hermenêuticos em seu filosofar. Adorno, contudo, não é considerado hermeneuta, e tão pouco se autodenomina como tal. A recusa de Adorno pela hermenêutica não é aleatória, há razões filosóficas e históricas para tal. Estas vão se esclarecendo à medida que se adentra em seu filosofar. A filosofia hermenêutica de Adorno se dá enquanto conexão entre a experiência vivencial e a reflexão filosófica. Trata-se do comprometimento com uma realidade correta e justa, mesmo em meio a uma realidade de ruínas, desencadeada, sobretudo, pelo capitalismo burguês.

PALAVRAS-CHAVE: Dialética negativa. Hermenêutica. Adorno.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como principal tarefa interpretar o pensamento de Theodor W. Adorno, com o objetivo de recolher elementos hermenêuticos em seu filosofar. Adorno não é considerado hermeneuta e tão pouco se autodenomina como tal. A recusa de Adorno pela hermenêutica não é aleatória, há razões filosóficas e históricas para tal. Estas vão se esclarecendo à medida que se adentra em seu filosofar. É preciso lembrar que a aproximação do pensamento de Adorno com a hermenêutica é uma hipótese fecunda, mas precisa ser bem esclarecida. Ademais, corre-se o risco de trair a filosofia adorniana, uma vez que essa é a recusa a todo o tipo de pensamento identificador e sistematizador. De qualquer sorte, pode-se

* Doutor em Teologia pela Faculdades EST. Coordenador e professor do Curso de Teologia URI-IMT. E-mail: fabiocesarjunges@yahoo.com.br

** Mestrando em Educação nas Ciências pela Unijuí. Professor de filosofia do Colégio Tereza Verzeri. E-mail: leandrokotz@hotmail.com

afirmar que a produção deste filósofo se dá pelo viés da interpretação, como ele mesmo reconhece no escrito programático *A Atualidade da Filosofia* (1931)¹. É neste sentido que se pode pensar a *Dialética Negativa* (1966)², como um exercício de interpretação da realidade e da própria filosofia.

A partir destas ideias iniciais, salta uma chave para acessar a filosofia de Adorno, qual seja, a conexão entre o chão da vida e a reflexão filosófica. Disto segue um pressuposto para quem se dedica a filosofia à luz das reflexões de Adorno. Trata-se do comprometimento com uma realidade correta e justa, mesmo em meio a uma realidade de ruínas desencadeada, sobretudo, pelo capitalismo burguês.

CRÍTICA RADICAL E IMANENTE

As duas obras do presente estudo situam-se após *Auschwitz* e tentam interpretar o incompreensível horror do século XX. Nelas reluz uma tese da *Dialética do Esclarecimento*, qual seja, de que a cultura, bem como a filosofia servem ao poder. Portanto, Adorno lê os eventos do século XX, perguntado em que medida a filosofia legitimou toda a barbárie, sendo assim, gérmen da violência. Trata-se de empreender a crítica radical e imanente comprometida com a esperança de uma realidade correta e justa.

Nestes termos, deve-se ler a *Dialética Negativa*. No título está a tese fundamental. Já no título se percebe que o filósofo subverte a noção corrente de dialética presente na tradição filosófica. Como ele mesmo afirma: “a expressão ‘dialética negativa’ subverte a tradição”³. A ideia predominante de dialética trabalha com teses antitéticas que se supressumem em um momento afirmativo e ou totalizador. Ou, ainda, de um pensamento negativo (de teses divergentes), procede-se realizando a conciliação e ou síntese, portanto, ancorando num pensamento positivo. É justamente este último momento da dialética tradicional que o filósofo combate.

¹ ADORNO, Theodor. W. Die Aktualität der Philosophie [1931]. In: ADORNO, Theodor W. *Gesammelte Schriften*, v. 1. Berlin: Suhrkamp Verlag e Digitale Bibliothek, 2003.

² ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 7.

³ ADORNO, 2009, p. 7.

Para Adorno, a subversão da dialética é uma necessidade. A dialética camuflou e perpetuou o objetivo de capturar o real e o acesso a um sentido pré-determinado que se esconde por de trás da realidade. Este modo de filosofar congela a filosofia e enclausura a racionalidade em sistemas. Por isso a tarefa filosófica adorniana consiste em desmascarar a pretensão de abarcar e capturar o real pelos conceitos, bem como, evidenciar o abismo que existe entre o objeto e o conceito. Em outras palavras, trata-se de empreender a crítica contra a tradição filosófica. Para o filósofo, as tentativas de construir grandes sistemas filosóficos fracassaram.

A filosofia, que um dia pareceu ultrapassada, mantém-se viva porque se perdeu o instante de sua realização. O juízo sumário de que ela simplesmente interpretou o mundo e é ao mesmo tempo deformada em si pela resignação diante da realidade torna-se um derrotismo da razão depois que a transformação do mundo fracassa⁴.

Adorno dialoga com a tradição, de modo mais específico com a modernidade⁵. Pode-se pensar em pelo menos duas grandes pretensões filosóficas que pretendiam transformar o mundo. A primeira é a ilustração (iluminismo), com seu fundamento na razão esclarecida. Pensou-se, então, resolver os problemas da humanidade e pregou-se o progresso ilimitado. A segunda é uma clara referência à décima primeira tese de Marx sobre Feuerbach. No entender de Marx, a tarefa filosófica por excelência é a transformação do mundo, uma vez que os filósofos só haviam se ocupado com a interpretação. Essas perspectivas acusam a interpretação de fracassada, deslocando a primazia da atividade filosófica para a transformação do mundo. Contudo, Adorno evidencia ironicamente que o erro delas é justamente a falta de interpretação. O filósofo está convencido que a pretensão da modernidade de transformar o mundo levou-o a *Auschwitz*. Portanto, a filosofia mantém se viva, ou melhor, a filosofia que se mantém viva é justamente aquela que interpreta à luz

⁴ ADORNO, 2009, p. 11.

⁵ Conforme Mueller, a filosofia adorniana se torna acessível pelo entendimento do itinerário do pensador. A categoria de esclarecimento constitui um arco temporal que liga o início da modernidade com o tempo de Adorno, isto é, do esclarecimento (iluminismo) até a modernidade tardia. Esta traz em seu núcleo o nihilismo, isto é, o esgotamento dos ideais modernos e, por conseguinte, da modernidade. É sob esse arco que se situa a reflexão de Adorno. No dizer de Muller “é nesse período da história, mais que qualquer outro, que Adorno pesquisou e procurou compreender, em sua busca por compreender o incompreensível horror do presente e a ele se opor, na medida do possível”, MUELLER, Enio R. *Filosofia à sombra de Auschwitz: um dueto com Adorno*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009, p. 11.

da dialética negativa, sem sínteses e sem construir sistemas nos quais se pode aprisionar o real.

A filosofia e a teoria estão vivas, no entanto, nenhuma escapa do mercado. A situação da filosofia no século XX deve ser pensada paralelamente com o chão da vida. Por essa razão Adorno procede com um olhar interno (dentro da filosofia) e outro externo (o chão da vida). Mas, claro, é evidente que os dois se apresentam simultaneamente e de modo interdependente. A separação só é feita a título de facilitar a compreensão. O olhar interno tem por objetivo detectar problemas do seio da filosofia, tais como a crença na possibilidade de apreender o real em sistemas conceituais; a compreensão de que existe um sentido e um fim por de trás de tudo; o primado do sujeito sobre o objeto ou do sujeito transcendental sobre o sujeito empírico; e, por fim, estas desembocam em sistemas que buscam alocar a realidade em malhas conceituais. No olhar exterior, Adorno percebe que depois da filosofia se enclausuram em castelos conceituais⁶ já não recebe luz, pois a sombra das ciências particulares a cobre por inteiro. A filosofia corre o risco de ser reduzida a disciplina particular, ou ainda, propedêutica e ou apêndice das demais ciências.

Aqui se pode fazer um paralelo com Marx, no que concerne aos conceitos de estrutura e superestrutura. Segundo ele, a estrutura, que envolve os meios de produção, condiciona toda superestrutura. Ou seja, aqueles que detêm os meios de produção condicionam toda ideia, ou seja, as escolas, as igrejas, a política, a moral, a ideologia, o direito, as artes e a própria filosofia. Portanto, a produção espiritual que prevalece, são as ideias das elites que comandam e detêm os modos de produção. Atualizando essa perspectiva, pode-se pensar à luz de Adorno, no mercado como estrutura que condiciona toda a produção espiritual. Toda produção espiritual, inclusive a filosofia, é consumida e absorvida pelo mercado, ao passo, que ela é resultado ou exigência do mercado. Novamente, fica evidente que não há como separar a filosofia do contexto que a envolve. Para Adorno, pensar filosoficamente é estar comprometido com a realidade. A crítica à filosofia deve também ser crítica à sociedade, ao capitalismo burguês. Nem por esses problemas que jorram do seio da filosofia e da realidade que a dialética pode silenciar-se. Ainda que apenas seja um método arbitrário sua aplicabilidade superficial.

⁶ “Desencantamento do conceito é o antídoto da filosofia. Ele impede o seu super crescimento: ele impede que ela se autoabsolutize”, ADORNO, 2009, p. 19.

As primeiras implicações de proceder filosoficamente com a dialética são: a) os objetos não se dissolvem nos conceitos. b) O indício de não-verdade (contradição) do conceito estabelecido, não é uma essência. c) O pensar da tradição consistia em identificar. Massacram-se, assim, as singularidades. Por isso, a dialética negativa libera e promove o não-idêntico, o marginal, os elementos excluídos da reflexão primeira, portanto, pela singularidade. Considerando a tradição filosófica, pode-se dizer que os filósofos procuraram, de modo geral, o nível conceitual e do universal. No entender de Adorno, o interesse da filosofia doravante deve ser outro, a saber, “o âmbito do não-conceitual, do individual e particular; Aquilo que desde Platão foi alijado como perecível e insignificante e sobre o que Hegel colocou a etiqueta de existência pueril”⁷.

O domínio da filosofia é o âmbito da racionalidade. Para além da racionalidade ela não pode falar. Ocorre que, para Adorno, a racionalidade se tornou um caso de irracionalidade que culminou em *Auschwitz*. Para entender essa hipótese é preciso reconstruir de modo genérico a crítica de Adorno à filosofia moderna (cabe lembrar, arquitetada sobre o *substractum* do indivíduo racional), de modo especial ao idealismo, retomando o debate epistemológico de sujeito e objeto.

CONHECIMENTO E INTERPRETAÇÃO

Segundo Kant (1724-1804), o sujeito determina o objeto. “[...] No conhecimento a priori não se pode acrescentar aos objetos nada a não ser o que o sujeito pensante retira de si mesmo”⁸. Ou seja, o sujeito possui as faculdades do intelecto, por isso, apreende e define os objetos em conceitos. Nesta perspectiva, o objeto não possui predicados e/ou qualificações, senão aquelas que o sujeito lhe atribui. Deste modo, instaura-se uma dicotomia entre sujeito e objeto. Para Kant, essa primazia do sujeito significa uma revolução copernicana no conhecimento. Note-se que o conceito tem a função de apreender e definir a realidade que, segundo Adorno, esse é o pressuposto da filosofia da identidade. Para essa, os conceitos são representações fiéis da realidade. A filosofia que se desenvolve sobre esse *grund* é demasiadamente abstrata e se fecha em sistemas do conhecimento, enaltece um sujeito transcendental que exerce seu senhoril sobre o objeto,

⁷ ADORNO, 2009, p. 15.

⁸ KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 14.

entretanto, esse mesmo sujeito se esquece da corporeidade que é condição fundante do filosofar. Daí que, por exemplo, para Schopenhauer e Nietzsche é preciso inverter a lógica, de uma filosofia transcendental à filosofia imanente.

Para Adorno, é evidente a necessidade duma segunda revolução copernicana no conhecimento. Se com Kant, a primazia é o sujeito, na *Dialética Negativa* Adorno defende a primazia do objeto com o escopo de eliminar a clássica hierarquia promovida pela filosofia idealista entre sujeito e objeto.

O dualismo entre sujeito e objeto, segundo Adorno, é a base do pensamento totalitário. A distinção entre sujeito e objeto promove a classificação hierárquica a partir da qual se fundam relações, inclusive as de dominação. Uma vez radicalmente diferenciados um do outro, o sujeito com as faculdades inteligíveis domina o objeto, reduzindo-o ao âmbito do conceitual. E se o sujeito também é objeto, então, poder-se-ia deduzir que o objeto também é sujeito, entretanto essa inferência não é válida para Adorno. Contra a filosofia da identidade, o filósofo situa “a ideia de uma filosofia transformada seria a ideia de se aperceber daquilo que lhe é dessemelhante, determinando-o como aquilo que lhe é dessemelhante”⁹.

Não se trata de eliminar o sujeito, mas superar a relação dicotômica que estabelece relações de dominação. Se o sujeito fosse eliminado isso resultaria no senhoril do objeto sobre o sujeito. Neste caso não se eliminaria a clássica hierarquia do idealismo apenas seria uma inversão de lugares. “Se ele fosse simplesmente liquidado em vez de superado numa forma mais elevada, isso operaria não somente a regressão da consciência, mas sim a recaída em uma real barbárie”¹⁰. O objeto sempre é outro, que por seu turno, é diametralmente diferente, por isso, singular e irreduzível ao sujeito transcendental, aos engaiolamentos da filosofia da identidade e dos sistemas do conhecimento.

No primado do sujeito, como acima já foi frisado, este se projeta sobre o objeto e/ou projeta aquilo que quer ver no objeto, destarte, inibe qualquer manifestação do objeto e/ou um contato natural e espontâneo. No fundo, o sujeito não vê mais do que o seu reflexo no objeto. Por isso, Kant teria se equivocado quando sustenta que se conhece aquilo que se coloca *a priori* no objeto. Doravante,

⁹ ADORNO, 2009, p. 131.

¹⁰ ADORNO, Theodor W. Kulturkritik und Gesellschaft I/II: Dialektische Epilegomena. In: ADORNO, Theodor W. *Gesammelte Schriften*, v. 10/2. Berlim: Suhrkamp Verlag e Digitale Bibliothek, 2003, p. 741.

com o primado do objeto a experiência epistemológica deve consistir na entrega/rendição sem reservas do sujeito ao objeto.

A posição-chave do sujeito no conhecimento é experiência, não forma; o que em Kant chama-se informação é essencialmente deformação. O esforço do conhecimento é preponderantemente, a destruição de seu esforço habitual, a violência contra o objeto. O ato aproxima-se de seu conhecimento quando o sujeito rasga o véu que tece ao redor do objeto. Ele só é capaz disso quando, com passividade isenta de angústia, se confia à sua própria experiência. Nos pontos em que a razão subjetiva fareja uma contingência subjetiva, transluz a primazia do objeto: naquilo que neste não é acréscimo subjetivo. O subjetivo é agente, não “constituens” do objeto¹¹.

No entender de Adorno, a filosofia idealista aumentou o abismo entre sujeito e objeto, o resultado é invariavelmente catastrófico. Uma vez radicalmente diferenciados um do outro, o sujeito com as faculdades inteligíveis domina o objeto reduzindo-o ao âmbito do conceitual. Assim não se deixa mediar pelo objeto, pelo contrário, dilapida-o, destarte, o sujeito nunca chega a ser sujeito totalmente, ao passo que o objeto é devorado e dominado pelo sujeito o objeto nunca chega a ser totalmente objeto. Portanto, o sujeito só é enquanto deixar o objeto ser e vice-versa. Adorno afirma que

[...] a diferença entre sujeito e objeto também não pode ser por sua vez simplesmente negada. Nem eles são uma dualidade derradeira, nem se esconde por detrás deles uma unidade última. Eles se constituem um por meio do outro tanto quanto se diferenciam em virtude de tal constituição. [...] Em verdade, a cisão que torna o objeto algo estranho, a ser dominado, e que o apropria subjetivamente é o resultado de um arranjo ordenador¹².

Do abismo entre sujeito e objeto, procedeu-se fazendo outra dicotomia, agora, entre sujeito transcendental e sujeito empírico.

[...] o sujeito transcendental é mais real, a saber, mais determinante para a conduta real dos homens e para a sociedade formada a partir disso, que esses indivíduos psicológicos dos quais foi abstraído o transcendental e que pouco têm a dizer no mundo; que, por sua vez, se tornaram apêndice da maquinaria social e, por fim, ideologia. O homem singular vivente - tal como é forçado a atuar e para o que também foi cunhado em si - é, enquanto encarnação do “homo oeconomicus”, antes o sujeito transcendental que o *individuo vivente*, pelo qual, contudo, deve se fazer passar imediatamente. [...] Na doutrina do sujeito transcendental, expressa-se fielmente a primazia das relações abstratamente racionais, desligadas dos indivíduos particulares e seus laços concretos, relações que têm seu modelo na troca. Se a estrutura dominante da sociedade reside na forma da troca, então a racionalidade desta constitui os homens; o que estes são para si mesmos, o que pretendem ser, é secundário. Eles são deformados de antemão por

¹¹ ADORNO, Theodor W. Kulturkritik und Gesellschaft I/II: Dialektische Epilegomena. In: ADORNO, v. 10/2, 2003, p. 752.

¹² ADORNO, 2009, p. 150-151.

aquele mecanismo que é transfigurado filosoficamente em transcendental. Aquilo que se pretende mais evidente. O sujeito empírico, deveria propriamente considera-se como algo ainda não existente; nesse aspecto, o sujeito transcendental é *constitutivo*. Presumidamente origem de todos os objetos, ele está objetificado em sua rígida intemporalidade, perfeitamente de acordo com a doutrina kantiana das formas fixas e imutáveis da consciência transcendental. Sua fixidez e invariabilidade que, segundo a filosofia transcendental, produz os objetos - ou, ao menos, lhes prescreve as regras - é a forma reflexa da coisificação dos homens, consumada objetivamente nas relações sociais¹³.

Na *Dialética Negativa*, Adorno sustenta uma mudança qualitativa, não meramente quantitativa no que concerne a ideia de verdade. Da verdade unilateral do sujeito transcendental que cria sistemas fechados (ao não-idêntico) do conhecimento à racionalidade como *deutung* que tem por característica o pensar em movimento, isto é, por constelações de conceitos. O pensamento unilateral do sujeito transcendental erigido sobre o primado do sujeito trabalha com conceitos isolados, acreditando que o próprio conceito é o real, porém para Adorno essa perspectiva não é razoável, pois conceitos isolados fracassam na apresentação da realidade, uma vez que sua manifestação é parcial e fragmentaria, por isso, deve-se pensar de modo constelativo, não só envolvendo uma multiplicidade de conceitos, mas distintas áreas do saber. Portanto, a verdade não está no sujeito transcendental, ela é e aparece na reflexão.

As constelações só representam de fora aquilo que o conceito amputou no interior, o mais que ele quer ser tanto quanto ele não o pode ser. Na medida em que os conceitos se reúnem em torno da coisa a ser conhecida, eles determinam potencialmente seu interior, alcançam por meio do pensamento aquilo que o pensamento necessariamente extirpa de si¹⁴.

Portanto, o que Adorno pretende e assim o faz com o primado do objeto é “com meios logicamente consistentes, [...] colocar no lugar do princípio de unidade e do domínio totalitário do conceito supraordenado a ideia daquilo que estaria fora do encanto de tal unidade. [...] O autor aceitou como sua tarefa romper, com a força do sujeito, o engodo de uma subjetividade constitutiva”¹⁵.

¹³ ADORNO, Theodor W. Kulturkritik und Gesellschaft I/II: Dialektische Epilegomena. In: ADORNO, 2003, p. 745.

¹⁴ ADORNO, 2009, p. 141.

¹⁵ ADORNO, 2009, p. 8.

CONCLUSÃO

Adorno foi um grande crítico da hermenêutica compreendida fundamentalmente como técnica de interpretação com objetivos práticos como a interpretação de texto ou de uma música. Apesar da crítica deste tipo de hermenêutica, nem por isso deixou de propor algumas ideias nesse campo, como no caso específico da música. Adorno, no entanto, vai além.

Para Adorno, interpretar não coincide, de nenhum modo, em encontrar e/ou construir sentido e significado no-que-está-aí. Não há uma chave segura para tal, ou seja, a falta de chave é a de sentido predeterminado e proposto. Cabe a filosofia, deixar o-que-está-aí falar por si. Se isso é verdade, então, estabelecer e/ou procurar sentido no-que-está-aí é cometer violência de identificação, ou seja, é não deixar o radicalmente outro se manifestar, passa-se de imediato a projetar aquilo que se procura no-que-está-aí. A fim de não incorrer nesse tipo de violência os elementos do existente que compõe as figuras enigmáticas da realidade devem ser agrupados até que falem. Se os elementos devem ser agrupados, têm-se como pressuposto a sua disjunção. Ora, a manifestação do existente é fragmentaria e incompleta.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Die Aktualität der Philosophie [1931]. In: ADORNO, Theodor W. *Gesammelte Schriften*, v. 1. Berlim: Suhrkamp Verlag e Digitale Bibliothek, 2003.

_____. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ADORNO, Theodor W. Kulturkritik und Gesellschaft I/II: Dialektische Epilegomena. In: ADORNO, Theodor W. *Gesammelte Schriften*, v. 10/2. Berlim: Suhrkamp Verlag e Digitale Bibliothek, 2003, p. 741.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Trad. Valério Rohden; Udo Balduer Moosburger. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores)

MUELLER, Enio R. *Filosofia à sombra de Auschwitz: um dueto com Adorno*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.